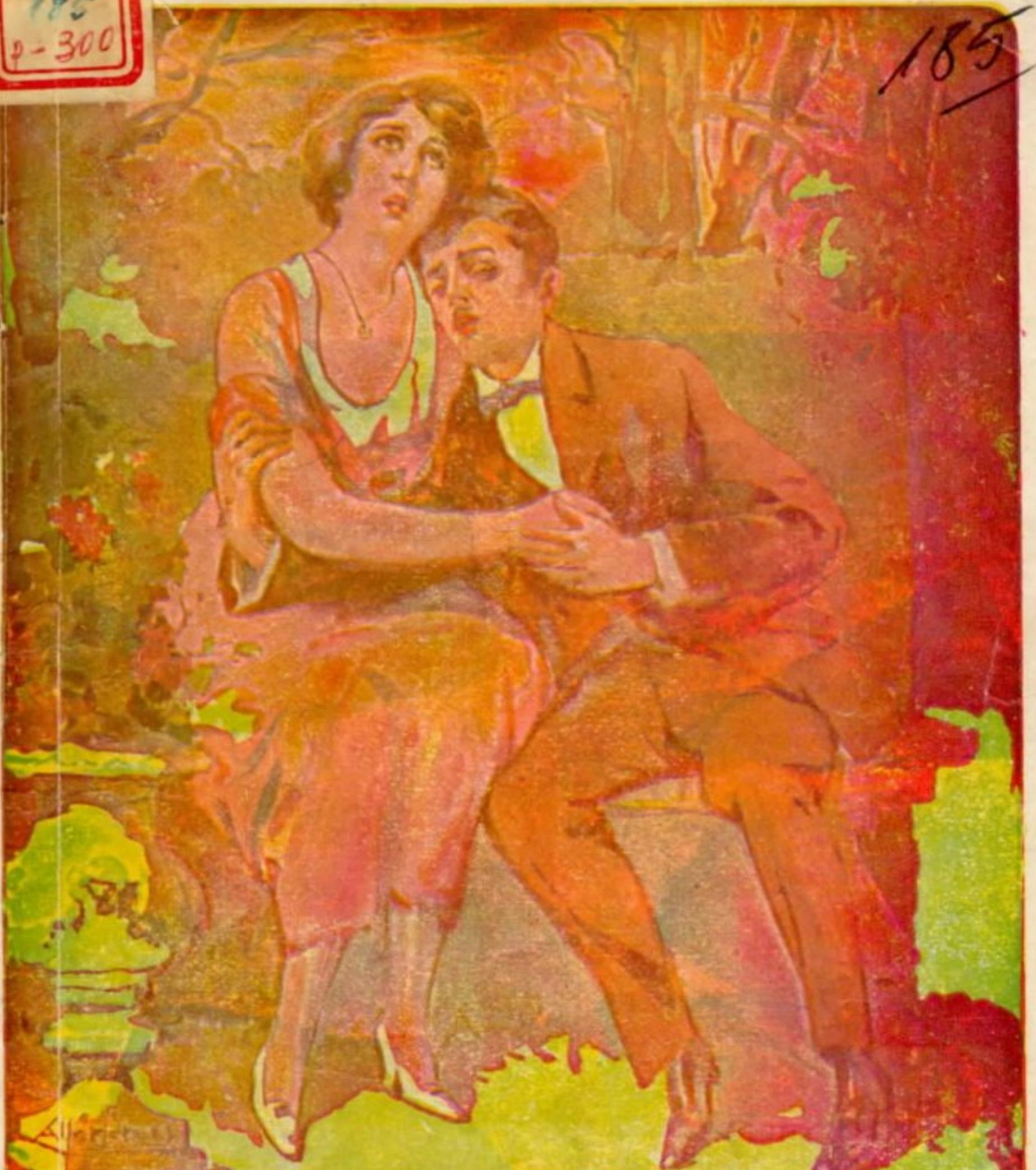


185
p-300

185



HISTORIA
de ZEZINHO
E MARIQUINHA

Livraria H. ANTUNES — Av. Mal. Floriano, 39 — Rio

2.253

COLEÇÃO POPULAR

HISTÓRIA COMPLETA
DE
ZÉZINHO E MARIQUINHAS

(Em verso e em prosa)



CUIDADOSAMENTE REVISTA



LIVRARIA H. ANTUNES LTDA.

Avenida Marechal Floriano, 39 — Rio de Janeiro

1908 — 1959

HISTÓRIA COMPLETA DE ZÊZINHO E MARIQUINHAS

Senhores, peço licença
Na alta sociedade
E também peço desculpa
Da minha pouca habilidade
Para contar esta história.
Que se deu numa cidade.

Era rico millionário,
Era dono de milhões,
Mandava em toda a cidade,
Todas as repartições;
Afiml satisfazia
Muito bem suas paixões.

Todo regente de casa
Deve procurar saber
Reger a sua família
Para nada acontecer;
Eu agora vou contar
O que foi um bem querer.

O pobre homem, coitado,
Por não possuir fazenda,
Vivia de sapateiro,
Trabalhando numa tenda,
E tudo quanto fazia
Só dava para a merenda.

Havia numa cidade
Um homem de grã riqueza;
Bem perto d'ele morava
Um pobre por natureza;
Tanto tinha um de rico,
Como o outro de pobreza.

O rico, pobre de filhos,
Só tinha uma filhinha;
E como era filha única,
No palácio era rainha;
Chamava-se ela Maria
Tratavam de Mariquinhas.

O pobre homem, coitado
No seu viver pobrezinho,
Além de ter muitos filhos,
Tinha um bem pequenino
Que se chamava José,
E tratavam de Zèzinho.

Mas, por dever sagrado,
Mandou ensinar Zèzinho
A ler, escrever e contar,
Com idade de 6 anos,
Já bem sabia escrever,
E da escrita estava ao par.

O ricoço milionário
Mandou ensinar Mariquinhas
E lhe deu uma criada
Para não andar sòzinha,
Pelas ruas da cidade,
Quando ia e quando vinha.

Um dia em que Mariquinhas
Passeava na cidade,
Por lá encontrou Zèzinho
Que era da sua idade,
Foram juntos conversando,
Consagrada amizade.

Perguntou a êle quem era.
Respondeu-lhe: sou seu vizinho,
Como de fato êle era
Morador de bem pertinho.
Até aí Mariquinhas
Não conhecia Zèzinho.

Sempre foram andando juntos
Todos três em companhia
Quando Zèzinho não fôsse,
Mariquinhas lá não ia,
Quando um passava tormento,
O outro também sentia.

Pai e mãe de Mariquinhas
Como não dizia nada,
O destino de sua filha
Não podiam compreender
Podiam nunca saber.
E o que queria fazer.

O amor vem pequenino,
Desde o tempo de menino;
E ainda quando Deus quer,
Tendo amor ao seu vizinho
De pequeno vai crescendo,
De grande não perde o tino.

Mariquinhas, além de rica,
Era linda, bonitíssima;
Tinha uma côr morena,
E uma feição felicíssima
Assim em tôda a cidade
Era ela a formosíssima.

Zèzinho, como pequeno,
Não conhecendo o perigo,
Perguntou a Mariquinhas:
— Você quer casar comigo?
Mariquinhas respondeu:
Sim; quero casar contigo.

Afinal, neste namôro,
Que lhe tinha amizade,
E pediu um juramento,
Perante a sua virgindade,
O coração de quem ama
Só sabe falar verdade.

Mariquinhas também jurou:
Contra o gôsto de seu pai;
— Eu hei de casar contigo
Assim vós não me enganai,
Que o coração de quem ama,
É lugar que ninguém vai.

Zèzinho então jurou:
Perante Deus do Bonfim;
Eu por ti darei a vida,
Já que vós morreis por mim;
Hei de morrer te amando
Já que vós morreis por mim.

Mariquinhas depois de moça
Da escola se ausentou;
Essa ausência para Zèzinho
Foi dor que o traspassou,
Pois naqueles corações
A amizade aumentou.

Mariquinhas todos os dias
Havia de ver Zèzinho,
No dia que o não via
Escrevia um bilhetinho;
Tinha lugar apropriado
P'ra conversar com Zèzinho.

Afinal, neste namôro,
Passaram assim muito tempo
Sem dos pais de Mariquinhas
Levar ao conhecimento;
Era de um amor sincero
Meter outro pensamento.

Um dia em que Zèzinho,
Chegando do seu brinquedo,
Escreveu-lhe Mariquinhas,
Foi descoberto o segredo;
O que havia de ser tarde
Apareceu muito cedo.

Por artes não sei de quem
No outro dia cedinho
A mãe de Mariquinhas
Encontrou um bilhetinho
Na caixa de sua filha
Com a firma de "Zèzinho".

A velha chamou a filha
Em particularidade:
— Minha filha, vem contar
A tua infelicidade,
Responde a quem te pergunta
Peço que fales a verdade.

— Minha mãe, fale à vontade
E, pelo bem que me quer,
Hei de falar a verdade.
Só se eu não souber;
Porém, vou contar tudo,
Se assim me convier.

— A razão foi um bilhete
Que na tua caixa achel.
De quem é aquela firma
Que no bilhete encontrei?
Para isso, minha filha,
Aqui mesmo te chamei.

— Minha mãe, este bilhete,
Quem me deu foi o Zèzinho,
E juramos nos casar,
Se não houver descaminho,
Pois eu tenho de amar
A Zèzinho meu querido.

A velha quando isto ouviu
Ficou logo sem sentidos,
Fêz consigo um julgamento
Do que tinha acontecido:
— Ou eu soffro um castigo,
Ou Zèzinho é prendido.

A velha disse ao marido:
— Faça por ser cavalheiro,
Olha que Mariquinhas
Tem um pensar traíçoeiro,
E está sendo namorada
Do filho do sapateiro.

O homem disse à mulher:
Maldito seja o rapaz
Mariquinhas sendo rica,
Aquêl moço é muito pobre,
Eu acho feio a família
Que se abaixa sendo nobre.

Chamou Mariquinhas e disse:
— Como procedia assim?
Dona de tanto jardim;
Sendo uma moça tão rica
Querendo casar com um moço
Tão pobre e fraco assim.

Mariquinhas respondeu:
— A firmeza é de quem tem
Se eu nasci p'ra Zèzinho,
Zèzinho p'ra mim também,
Se eu não casar com êle,
Não caso com mais ninguém.

Eu mando prender Zèzinho,
A sentença lhe vou dar;
Depois que estiver prêso
Posso mandá-lo matar,
Depois eu só quero ver
Você com êle casar.

— Oh! meu pai! não diga isto!
Eu não o acho exigente,
Se eu mereço castigo,
Por ser desobediente,
Seja eu e não Zèzinho,
Que vai soffrer inocente.

— Seja ou não inocente,
Hei de cumprir o meu intento,
Hei de lhe dar o castigo
Igual a seu atrevimento,
Disse isto para a filha
Com um louco pensamento.

Mariquinhas foi pr'o quarto
E começou a escrever:
Recomendando a Zèzinho
Como havia de fazer;
— Nosso amor foi descoberto.
Começamos a sofrer.

— Zèzinho tu te retires
Logo que esta receberes,
Foge, ausenta-te de casa
Que meu pai vai te prender
Tu sabes que êle querendo
Manda tudo e tem poder.

Logo — às onze da noite
Quando estiver em silêncio
Vem à porta do quintal!
Com um respeito imenso
Com minha moralidade
Hei de fazer o que penso.

Zèzinho leu o bilhete,
Ficou muito aborrecido,
Imaginando a sua vida
Do que tinha acontecido.
Quando a tropa lá chegou
Zèzinho tinha saído.

Mariquinhas foi ao cofre
“A noite era muito densa”
E tirou cinquenta contos;
Mas a riqueza era imensa;
Quem do muito tira pouco
Não se encontra a diferença.

As onze horas da noite
Marcava o relógio em ponto
Zèzinho estava esperando
Para tudo estava pronto
Então viu Mariquinhas
E lhe deu cinquenta contos.

— Zèzinho êste dinheiro
É um sinal de firmeza,
Você vai ganhar a vida
Ver se arranja riqueza,
Gasta só com precisão,
Olhe! não caia em pobreza.

Zèzinho, vai-te embora,
Para um lugar muito além,
Que ninguém saiba de ti!
E nem saiba de ninguém,
Eu fico na esperança
De quem teve e hoje não tem.

Zèzinho ficou pensando
Em tomar o seu parecer:
— Ausente de quem eu amo,
Que prazer eu posso ter?
Mas a sorte assim promete
Que eu hei de aqui fazer?

— Zèzinho, tu te retiras,
Antes do dia romper,
Quem se dispõe ter amor,
Que alegria pôde ter
É a pior vida do mundo
É melhor antes morrer.

Zêzinho e Mariquinhas
Quando assim se separavam,
As tristezas foram tantas
Que ambos bem choravam
Vejam êstes dois amantes
Nesta hora como estavam.

Mariquinhas disse a êle:
— Zêzinho, tu vais com Deus,
Leva êste meu retrato,
Agora, quero um dos teus,
Para de ti me lembrar,
E tu te lembres dos meus.

E Zêzinho despediu-se
De sua mãe tão sagrada;
E êle saiu chorando
Com pena de sua amada;
Seu coração foi partido,
Sua alma repassada.

Zêzinho embarcou cedo
No pôrto desta cidade,
Saltou em outro país,
Entrou com cinquenta contos
Com muita felicidade.
Em uma sociedade.

Começou Zêzinho a ganhar,
Era bom negociante,
E dentro de cinco anos
Tinha dinheiro bastante,
Êle mesmo se admirava
Porque era principiante.

E dentro de sete anos,
Era rico millionário;
Dono de muitos milhões
Com dez navios no mar;
Todos com mui segurança
Assim iria casar.

Zêzinho com tal riqueza
Que já era colossal,
Tinha vontade voltar,
A sua terra natal,
Para dar agradecimento
A sua amada leal.

Vinha ver o seu pais
Que era muito de ver;
Tomar a bênção a seus pais
Que era de muito prazer,
Apresentar os seus bens
Que Deus lhe fêz obter.

Zêzinho tinha riqueza
Vinha muito satisfeito,
Todo o tempo lá perdido
Foi um tempo sem proveito;
Além de um bom desgosto,
Que ia mergulhar o peito.

Todo o tempo que Zêzinho
Desta terra estêve ausente
Pai e mãe de Mariquinhas
Se achavam mui contentes;
Fizeram a filha casar
Com um moço seu parente.

Este grande casamento,
Todo o dia era pedido;
Ela nunca dava o SIM,
Sempre muito aborrecida,
Só pensava em Zèzinho,
Era um acabar de vida.

Foi até seu pai dizer,
Que já era prevenção,
— Se não me fizeres o gôsto
Não te ponho mais a bênção,
Veja se será melhor
Tu viveres na maldição!

Sua mãe também lhe disse:
É uma palavra escrita:
— Minha filha, você tem
A nossa bênção bendita,
Se tu não me fizeres o gôsto
Da graça de Deus ficas maldita.

Se tu me fizeres o gôsto
Tu serás abençoada
Mas se o não fizeres
Serás amaldiçoada,
Por mim e por teu pai,
Da riqueza desprezada.

A desconsolada moça,
Pensava em seu coração,
— Infeliz da criatura
Que dos pais não tem a bênção:
Disse a seu pai que queria
Conhecendo a provação.

Mariquinhas disse ao pai:
— Está feita a vossa vontade;
Peça a Deus tomar conta,
“Como pai de caridade”,
Matai-me na mesma hora
Com a minha virgindade

Mariquinhas ainda disse:
— Se me casar contra a vontade
Eu hei de pedir a Deus:
Matai-me por caridade,
Para que Zèzinho saiba
Desta contrariedade.

Quando a filha deu o sim,
Seu pai ficou mui contente,
Convidou os seus amigos
Capitão, major, tenente,
No dia do casamento,
Apareceu lá muita gente.

Chegado que foi o dia,
Mariquinhas se casou,
Justamente neste dia
Zèzinho desembarcou,
Mariquinhas era casada
Quando Zèzinho chegou.

Quando Zèzinho chegou
Mandou logo embaixada
Participar a seus pais
A sua bela chegada,
Vinha muito satisfeito
Porque não sabia de nada.

Zèzinho nada sabia
Mandou dinheiro a seu pai,
Para festejar o dia,
Na chegada de Zèzinho,
Fogo no ar subiria,
Em honra de seu benzinho.

Seu pai ficou muito alegre
De ver seu filho contente,
Que há dez anos completos
Da sua casa era ausente,
Foram tantos fogos no ar
Que admirou muita gente.

Mariquinhas observou
Os foguetes que subiam,
Perguntou a seus criados
Os fogos de onde saíam
Da casa do sapateiro,
Os criados respondiam.

— Posso ir observar
As novidades que havia
Se a senhora quiser,
E o que puder apurar,
Alguma coisa será...
Aqui eu virei contar.

A criada curiosa
Mariquinhas lhe mandou,
Ela foi silenciosa,
Por lá tudo observou,
Chegou a criada e disse:
— Senhor, Zèzinho chegou.

Mariquinhas quando soube
Com pena ficou sentida,
Quem jurou na cruz de Deus,
Um amor, perante a vida,
Só pensava estar casada
Sendo de Zèzinho querida.

Estava o palácio em festa
No mais ornado salão,
Homens de sabedoria
De legenda e brasão
Mariquinhas só chorava
Sem maior consolação.

Mariquinhas escreveu
Com tristeza e sentimento
Participando a Zèzinho
Como foi o casamento
Antes queria que fôsse
O dia do passamento.

— Zèzinho meu, venha cá,
Se é que tem amizade,
Eu desejo de saber
De tua felicidade,
Também te quero contar
A muito atroz crueldade.

Deu o bilhete à criada,
Que depressa o levou,
Encontrando-se com Zèzinho,
O bilhete lhe entregou,
Logo que fêz o mandado
Muito depressa voltou.

Zèzinho leu o bilhete,
Quis usar de violência,
Pensou e pediu a Deus
Que lhe desse paciência.
Queria ver Mariquinhas
Junto de sua presença.

Zèzinho saiu de casa
Sem saber o que fazia,
Muito triste e aborrecido,
Fora de toda alegria,
Só pensando em Mariquinhas
A quem êle tanto queria.

Zèzinho foi-se chegando,
Dizendo: Aqui estou eu,
Pediu a ela um abraço,
Ela não fez dúvida, deu...
E neste abraço Zèzinho,
Nos braços dela morreu!...

Mariquinhas ficou triste
Quando o viu assim morrer,
Chama a sua criada,
Esta também veio ver,
— Aqui está Zèzinho morto,
O que havemos de fazer?

Pedi à sua criada,
Que lhe desse um parecer,
A criada disse a ela:
— O que havemos de fazer?
Tiramos Zèzinho daqui
Suceda o que suceder!

Como era muito tarde,
Da casa do sapateiro
Naquele momento primeiro,
Pegaram Zèzinho a pulso,
O puseram na calçada
"Isto fizeram ligeiro".

O sapateiro abriu a porta
No outro dia cedinho;
Olhando para a calçada,
Já foi vendo o descaminho,
E conhecendo então que era
O cadáver de Zèzinho.

O que havia de alegria
Foi tristeza atormentada,
Puseram Zèzinho p'ra dentro
Tiraram-no da calçada,
Seu corpo tinha um sinal,
Era a sua mão fechada!

Aí vieram doutores
Daquela repartição,
Nem um, nem outro sabiam
"Foi uma admiração!"
O que queria dizer:
Ter fechado sua mão.

Os doutores vieram atôa,
Dizia uma velhinha:
— Ele morreu de paixão
Por um amor que lá tinha,
Esta mão assim fechada
Só quem abre é Mariquinhas.

A velha saindo depressa,
Foi indo com muito jeito,
Na casa do milionário
Chegou com muito respeito;
Chamou em particular
E o que pediu foi aceito.

Foi chamado o milionário
E Mariquinhas na frente
De todos os convidados;
Mariquinhas foi chegando
Capitão, major, tenente,
Com semblante indiferente.

Mariquinhas veio chegando
Falando com voz altiva:
— De que vale Zêzinho morto
E eu sem êle ficar viva?
Morreu êle por ser amante
E porque meu pai me priva.

Zêzinho abre esta mão!
Já que morreste por mim,
Já que por mim se acabou
Eu por ti devo êste fim;
Aí mesmo foi caíndo
Porque Deus o quis assim.

Zêzinho então abriu a mão
Até mudou de figura,
Dentro da mão nada tinha
Viram a verdade pura:
Que a vida de Mariquinhas
Zêzinho a tinha segura.

Pai e mãe de Mariquinhas
Caíram pela escada,
No outro dia seguinte
Foi êle sepultado,
Acabou tudo em tristeza,
E tornou-se a festa em nada.

Dizla o pai de Zêzinho:
Então por meu filho morrer
Eu devo morrer também?
— A fortuna é de quem tem,
Fico rico, milionário,
Há males que vêm p'ra bem

Zêzinho e Mariquinhas
Pareciam ter combinado,
Quem casou com Mariquinhas
Morreu no mato enforcado,
Acharam-no outro dia
N'uma corda pendurado.



HISTÓRIA COMPLETA DE ZÊZINHO E MARIQUINHAS

Aquêlê travesso maroto, que os antigos chamavam Cupido, filho daquela coquete namoradeira como as que o são, nascida da espuma do mar, que seu marido Vulcano, coitado, foi um dia apanhar em doce idílio com o exmo. sr. Marte, marechal general das milícias celestes, com o que ficou furioso; êsse filho da exma. sra. D. Vênus vinha uma tarde de seta em riste, quando se encontrou casualmente com o Zêzinho e com Mariquinhas, que andavam a apanhar borboletas, espetando-as com alfinetes e pregando-as em cartões, para venderem por muito bom preço aos turistas que desembarcavam naquelas praias arensas.

Zêzinho e Mariquinhas eram positivamente duas pombinhas sem fel. Não eram, todavia, tão crianças que não soubessem já muita coisa que eu agora não digo. E Cupido, um menino que já conta não sei quantos milhares de séculos, sem perder a vontade de brincar, tirou da aljava duas setas das mais aguçadas e zás, pespegou uma em cada um

dos tais pequenos, pondo-se logo na aragem, para não apanhar alguma pedrada.

Ainda não sabeis decerto quem eram as duas crianças, mas eu vou contar.

Numa cidade aí para o interior da Capadócia, confinante na Beócia, morava um alarve dos quatro costados, tão alegre como rico. Media as libras aos alqueires e tinha terras que não as corria num dia.

Perto do figurão, morava um pobre trabalhador, fraco e doente, que não ganhava para sustentar a mulher e cinco filhos. Tanto tinha um de rico como o outro de miserável, isto é, o rico era mais miserável que o pobre, porque não dava um ceutil a ninguém. Que digo? não dava aos pobres a comida que sobrava do jantar dos seus cães. Era o rei da cidade, mandava em tôdas as repartições, apesar de ser odiado por tôda a gente, porque o dinheiro é Rei e não havia capricho, desejo ou vício que lhe não fôsse satisfeito.

O pobre sem nada de seu, vivia de sapateiro, não de obra nova, mas de concertos para os outros pobres que não lhe pagavam quase nada ou mesmo nada e o que ganhava mal chegava para comer uma vez por dia.

O rico, pobre de filhos, apenas tinha uma pequena, que era o "ai Jesus", e que era a rainha da casa. Chamavam-lhe Mariquinhas porque era Maria.

O pobre, coitado, tinha uma ranchada de filhos e entre éstos um pequeno chamado José, que era tratado por Zèzinho.

Apesar de tanta pobreza, o pai mandou-o ensinar a ler, escrever e contar. Aos seis anos já sabia ler, o pequeno dava esperanças de vir a ser alguma coisa devido ao cuidado do pai, que não esqueceu os deveres dos pais pela educação das crianças.

O milionário mandou a filha ao melhor colégio da cidade, pagando largamente o ensino e dando-lhe uma empregada para a acompanhar nas idas e vindas ao colégio.

Um dia, passeando pela cidade, Mariquinhas e Zèzinho encontraram-se e sendo os dois da mesma idade, logo travaram conversa muito animada.

— Quem és tu? — perguntou-lhe ela.

— Eu sou o vizinho, filho do sapateiro, moro ali quase ao pé da sua casa.

Até então Mariquinhas nunca tinha reparado no vizinho.

Foram andando assim por muito tempo, sempre conversando e a empregada atrás, sem dizer palavra.

Sem nada combinarem, o caso é que no outro dia lá foram os dois à mesma hora e lá se encontraram de novo. E isto continuou sempre; se um não encontrasse o outro, ficava triste e cheio de saudades, não descansando enquanto no outro dia não sabia o motivo da falta e não atendia as desculpas que dava, as quais eram sempre motivadas por obstáculo doméstico.

Os pais de Mariquinhas não compreendiam a razão daquelas saídas tão prolongadas e cismavam

sem atinarem com o motivo. Perdiam-se em conjecturas e ficavam sempre na mesma. Não imaginavam que era o amor o travesso menino que nasceu ao mesmo tempo que a humanidade. Amor que vem de Deus e que não acaba porque é eterno. Tudo no mundo obedece ao amor, que já existia antes de Deus criar o mundo e que sem êle não existiria.

Mariquinhas, além de rica, era muito bonitinha: tinha uma côr morena, feições delicadíssimas, sendo considerada em tôda a cidade a maior formosura da terra. Dizia-se que em chegando à idade de casar, sua mão seria disputada por todos os mais nobres e ricos senhores da redondeza.

Um dia Zèzinho, na ignorância do perigo em que se metia, perguntou à Mariquinhas:

— Você quer casar comigo?

Mariquinhas respondeu sem hesitar:

— Quero, sim, Zèzinho; já penso nisto há muito tempo, mas ainda não tenho idade.

— A idade, ela virá, já faltou mais e nós podemos esperar.

— Eu juro-lhe um amor eterno; jure-me também que me há de amar sempre.

— Juro pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo que a mais ninguém amarei e que te amarei até a morte. Meu pai não há de querer; isto, porém, não importa, porque há de chegar o dia em que não precisarei da sua licença.

— Quem sabe se você virá a desdizer-se e me deixará triste e infeliz para tôda a minha vida?

— O coração de quem ama não sabe mentir; alguém me obrigou a jurar?

— Pois bem, já que tenho o teu amor, juro pela Virgem do Rosário que por ti darci a vida, que amando-te morrerei.

Estava já na idade em que as mocinhas pensam a ser moças e Mariquinhas ou antes seus pais, deram-lhe os estudos por acabados, retirando-a do colégio. Que tristeza para ambos! Não havia mais pretexto para aquêles encontros de cada dia, que tanto prazer lhes davam; veio a saudade, o desejo irreprimível de se verem, o amor manifestava-se mais intenso e convertia-se pouco a pouco em paixão mortificante.

O dia em que Mariquinhas não visse o seu bem amado Zèzinho, escrevia-lhe um bilhetinho em que lhe mandava a expressão da sua ternura. Com o tempo chegou-se a combinar as horas para as conversações.

Passaram-se assim muitos meses sem que o namoro fôsse descoberto pelos pais de Mariquinhas. Foi uma época relativamente bom feliz, porque nem um nem outro eram assediados por desejos impuros; o seu amor era puro e inocente e no cérebro de Zèzinho não germinava nenhuma idéia de sedução e para ser feliz bastava a presença da bem amada.

Um dia, quando Zèzinho regressava da sua diversão, recebeu uma carta de Mariquinhas, em

que lhe participava em palavras maguadas que o segredo estava descoberto. Não se sabia quem fôsse o infame ou a infame denunciante.

Na véspera dêsse dia, a mãe levanta-se muito cedo, fôra passar revista à mala da filha e encontrara um bilhetinho assinado por Zèzinho.

Chamou a filha de parte com palavras maternais, exigiu esta que lhe fizesse uma confissão completa do que chamou de suas culpas donde provinha a sua infelicidade, recomendando-lhe, sobretudo, que não mentisse, porque assim evitaria maior desgosto.

— Minha mãe, respondeu ela, grata ao seu amor maternal eu não lhe quero mentir e tudo lhe contarei, tal qual como puder e souber (dizendo aliás para si que só contaria o que lhe conviesse).

— Eu achei na tua mala um bilhete amoroso; quero saber quem é êsse Zèzinho que vem assinado no papel. É por isso, minha filha, que te chamci em confidência e novamente te peço não mintas.

— Minha mãe, êsse bilhete é do meu namorado Zèzinho; juramos amor eterno e prometemos casar-nos. Conhecemo-nos de pequeninos, eu não quebro o meu juramento e só a morte poderá impedir-me de o cumprir.

A velha fêz um carão de palmo e meio; tomou um ar arrogante e com uma voz agastada disse a Mariquinhas:

— Eu vou falar com teu pai e quero ver se vocês se casam enquanto êle fôr vivo. Quanto a

êsse biltre, já se lhe vai ensinar a pôr os olhos na filha do homem mais poderoso desta terra.

Mariquinhas viu logo no seu pensamento as conseqüências do que se estava passando: ela não escapariade um severo castigo; Zèzinho provavelmente seria prêso.

Pois bem, seria o que Deus quisesse, mas nada abalaria a sua resolução. Apesar de muito nova ela sentia-se com bastante firmeza para resistir a tudo, nos muitos inimigos de seu pai encontraria certamente algum que a protegesse.

A velha disse ao marido:

— Vou dar-te uma novidade que te vai deixar embasbacado.

— A tua filha...

— Ah?

— Morreu?

— Antes fôsse isso!

— Então que mais?

— Namora o filho ali do sapateiro...

— Ah?

— Querem casar...

— Oh, isso é que não! Uma família tão rica e nobre ir dar uma filha a um pobretão daquela espécie, era pior que dar uma queda de um elefante abaixo. Deixa-o comigo que o arranjarei.

Chamou a filha:

— Como é isto que tua mãe me contou? Uma moça rica, dona de quase tôda a cidade, bonita

como os amores querer casar com um João Ninguém.

— Não é João, é José.

— Pois seja lá José ou seja o diabo que o carregue. Em todo caso é um pobre diabo que não tem onde cair morto...

— Não precisa, eu tenho para mim e para êle.

— Tu não tens nada, ainda não herdaste, nem eu te dava dole.

— Êle ganhará.

— A deitar tombas em chinelos?

— E eu trabalharei.

— Vais ser lavadeira?

— Se fôr preciso...

— Que loucura!

— Zêzinho nasceu para mim; eu nasci para êle, e demais, Deus não abandona os que crêem nêle e eu sou cristã. Ô pai guarde lá a sua riqueza e deixe-me na minha liberdade. Ou casar com Zêzinho ou deitar-me no poço; escolha.

— Pois bem, vai deitar-te no poço mas não casas. Zêzinho vai já para a cadeia e depois... há tantas mortes repentinas...

— Oh, meu pai, não diga isso. Se me achar culpada porque resisto à sua vontade, castigue-me, mas poupe-o a êle, cuja única falta é amar-me muito, mas ainda por amor a vossa filha! Ê um inocente!

— Pois seja ou não inocente, hei de fazer o meu gôsto: terá um castigo igual à sua audácia.

Estas palavras foram ditas com uma voz repassada de ódio.

Mariquinhas foi para o seu quarto e pôs-se a escrever, recomendando a Zèzinho o que havia de fazer.

— Nosso amor foi descoberto; os sofrimentos vão começar, Zèzinho, trata de te safares. Logo que esta recebas, não fiques em casa nem mais um minuto, que não só a tua liberdade, mas a tua vida corre grande perigo.

“Meu pai jurou-te vingança e é capaz de te mandar assassinar; bem sabes que êle é o mandão do lugar, faz o que quer e fica sempre impune.

“Às onze horas da noite, quando tudo estiver em silêncio, vem à porta do quintal de modo que ninguém te sinta e então será senhor do meu amor”.

Zèzinho leu a carta e ficou mudo de estupefação. Na sua inocência tinha imaginado que o amor era livre, que o amor que vem de Deus era permitido a tôdas as criaturas.

Êle não concebia que um bruto se ofendesse por alguém querer bem à sua filha.

Tratou logo de se precaver e, quando uma fôrça saiu da alçada do que queria para sogro, lhe invadiu a casa para o prender, já êle estava longe.

Mariquinhas, apesar da sua pouca idade, já conhecia bastante a vida. Foi ao cofre do pai e tirou cinqüenta contos, que fizeram tanta falta como cinqüenta pingos de água no mar, pois quem do muito tira pouco não lhe acha a diferença.

Quando o relógio batia 11 horas em ponto, estava Zèzinho esperando no ponto indicado por Mariquinhas, pronto para tudo.

Mariquinhas chegou e deu-lhe os cinqüenta contos em notas de banco.

— É um sinal de minha firmeza. Vai, vai ganhar a vida; é um princípio que, bem governado, te pode fazer rico. Sé econômico e bem governado e não cairás mais em pobreza. Foge para um lugar distante, onde ninguém mais saiba de ti e onde não te possa alcançar o braço forte de meu pai.

Zèzinho ficou pensativo.

Tomar o conselho da donzela? Que prazer poderia ter ausente do seu amor, daquela a quem entregara a vida inteira, a quem jurara um amor para tôda a vida? Era, porém, fatal a decisão da sorte e não havia para onde apelar.

— Zèzinho, anda, retira-te, antes do dia romper. A ausência há de custar-te muito; a mim não me custa menos, mas sejamos fortes. Não há que fugir ao sacrifício quando o amor é verdadeiro. Um dia virão melhores tempos e a nossa constância será recompensada.

Enfim Zèzinho decidiu partir. Partido levava êle o coração, partida ficava de Mariquinhas a alma.

Ao despedirem-se, as tristezas eram tantas, que os dois choravam convulsivamente.

Zèzinho não tinha pernas que o levassem dali. Ao dar-lhe o último beijo, Mariquinhas empurrou-o brandamente e só assim se decidiu a partir.

Entre soluços e lágrimas, Mariquinhas disse-lhe por fim:

— Zèzinho, tu vais e leva Deus por companhia, porque Deus ama os inocentes e tu nunca praticaste o mal, o meu espírito também te acompanha, e contigo vai também este meu retrato. Mas quero também um dos teus porque ao contemplá-lo julgarei estar vendo-te como tu farás contemplando o meu. Adeus.

Zèzinho foi despedir-se de sua mãe, que idolatrava como a um anjo na terra. Foi uma cena nova de lágrimas.

A velhinha que êle jamais tornaria a ver lançou a sua bênção e êle, com o coração despedaçado, cheio de saudades dos dois entes que tanto amava, lá se foi a caminho do mar.

Embarcou de manhã cedo no pôrto daquela mesma cidade. Longe, muito longe, desembarcou com os seus cinqüenta contos, entregando-se incontinenti ao comércio.

Era uma carreira que êle já tinha fantasiado, e para a qual se sentia irresistivelmente atraído. Ao fim de quatro para cinco anos, tinha adquirido alguma fortuna e possuía bastante dinheiro; êle

mesmo se admirava, ao mesmo tempo que bendizia a Providência, que tão largamente o bafejara. Ao fim de sete anos, a sua fortuna aumentava prodigiosamente. Era milionário, senhor de muitos milhões, com dez navios no mar, todos com a maior segurança, e que lhe garantiam o bem-estar para quando se casasse com aquela que, dando-lhe o seu amor, lhe dera também os meios de adquirir aquela fortuna.

Lamentava agora não a ter trazido, mas, não partindo dela a proposta, nunca se teria atrevido a propor-lhe.

Zèzinho, com tal fortuna, que já era colossal, estava com vontade de regressar à sua terra natal. Em primeiro lugar, tinha de dar agradecimentos à sua amada.

Iria ver seus pais, cujas saudades o punham acerbamente e, ao mesmo tempo, cumprir o grato dever de tomar as bênçãos de seus velhos pais, o que seria de grande prazer para êle enfim, fazer saber aos seus conterrâneos que já não era um pobretão como tinha saído de lá.

Rico de bens de fortuna, Zèzinho, satisfeito, dava por bem empregado o tempo passado nessas longínquas terras.

Esperava-o, porém, o maior desgosto que pode ter um coração amante.

Muito satisfeito com a sua ausência, o pai e a mãe de Mariquinhas haviam-na forçado a casar-se com um moço seu parente.

Porfiada foi a luta, em que por fim saíram vencedores. O moço renovava todos os dias o pedido, ela nunca dava o sim.

Tantos pedidos não faziam mais que agastá-la porque só pensava em Zèzinho. Era um acabar de vida. O pai usou, afinal, de um expediente.

— Se tu não me fizeres a vontade eu nunca mais te darei a bênção. Vê lá se gostas mais de viver na maldição!

A mãe, por outro lado, perseguia-a:

— Manda o quarto mandamento que se deve honrar pai e mãe. A tua desobediência não nos honra, antes desonra. Por isso, segundo as escrituras, és uma filha maldita. Se fizeres o que te peço, tu terás minha bênção; se na teima persistes terás a nossa maldição e serás desprezada por mim e por teu pai. Agora escolhe.

Pobre moça desconsolada!

Em seu coração pensava que seria uma desgraça irremediável não ter a bênção dos pais e assim persuadida (embora as bênçãos dos pais pouco valham se são negadas injustamente), resolveu por fim sacrificar-se:

— Meu pai, está feita a vossa vontade; casarei, mas peça a Deus, nosso pai de caridade, que na mesma hora me leve com a minha virgindade.

Disse mais:

— Vós obrigais-me a casar contra a minha vontade mas a Deus hei de pedir que me leve para si,

a fim de que Zèzinho saiba que o meu coração lhe foi fiel e que só à fôrça maior fui obrigada a ceder.

Grande alegria teve o vilão quando Mariquinhas deu o sim. Imediatamente convidou a parentela, militares, paisanos, as autoridades, tôda gente graúda da cidade e arredores, os amigos dos amigos.

No dia do casamento a igreja encheu-se de gente. Breve chegará o dia do casamento, mas ó! fatalidade! Nesse mesmo dia chegava ao pôrto o navio que transportava Zèzinho, que desembarcou, Mariquinhas estava casada!

Apenas chegou, Zèzinho mandou uma embaixada aos pais, fazendo-lhes saber que estava felizmente de volta.

Vinha muito satisfeito, pois de nada sabia. A sua alegria era extrema, e por isso mandou logo dinheiro aos pais para festejarem condignamente a sua chegada.

Assim se fêz: seu pai, imensamente alegre, mandou comprar girândolas de foguetes, que à noite subiram ao ar.

O pobre velho não cabia em si de contente por tornar a ver o filho saído de casa dez anos antes. Os fogos no ar foram tais e tantos, que muita gente pasmou.

Ao ver aquella foguetada tão extraordinária, Mariquinhas, que observava da janela, perguntou aos seus criados se sabiam o que se passava em casa do sapateiro. A criada não sabia mas disse:

— Posso lá ir observar.

— Minha senhora, é uma grande festa porque o Sr. Zèzinho chegou.

Imagine-se como ficou o coração de Mariquinhas ao saber da alegre nova, que ao mesmo tempo era para ela tão triste.

Bem melhor fôra para ela ter morrido do que passar por perjura aos olhos daquele que amava e por quem morreria.

Reinava no palácio a festa e no seu coração a morte. As maiores notabilidades da terra enchiam o salão e só tristeza e dor enchiam o seu coração.

Pegou uma pena e cheia de mágoa e sentimento escreveu a Zèzinho uma carta que franca e ingênuamente lhe contava como tinha sido obrigada àquele casamento, que ella queria que fôsse o seu funeral.

Contava-lhe as ameaças com que seus pais a haviam coagido a casar no fim de mil vèzes se ter recusado a isso e como, nìmiamente religiosa, tivera mêdo das maldições com que era continuamente ameaçada.

Concluiu: “Zèzinho, se me tens amizade, vem cá, para que eu saiba da tua felicidade e contar-te igualmente as causas da minha crueldade”.

A criada foi encarregada de ir entregar a carta, o que rapidamente executou, encontrando-se com Zèzinho, que a recebeu em mão, voltando imediatamente.

Zèzinho leu a carta e o leitor pode imaginar o desespêro que se apossou do seu espírito ao inteirar-se de tão desoladora notícia. Pois êle havia trabalhado dez anos sem descanso, fiel a todos os juramentos para vir naufragar no pôrto, justamente no dia em que esperava receber o desejado prêmio de tantos sacrifícios, de tanta felicidade! Não havia, pois, que confiar em juramentos de mulheres, eram tôdas o mesmo!

Que espantosa fatalidade! Pensou e pediu a Deus que lhe desse paciência. Queria ver Mariquinhas na sua presença, para lhe exprobar a sua traição, para chorar junto d'ela a sua vida perdida, e a sua desgraça irremediável.

Que lhe importava agora a riqueza, se se considerava eternamente viúvo! Casar-se? Mulheres não lhe faltariam; a dificuldade scria só na escolha, dada a sua grande fortuna; mas em quem confiar, se a sua Mariquinhas, que era um anjo, lhe havia sido infiel, d'êle não se tinha lembrado, fazia a sua desgraça, vendo-o por umas bênçãos que nada representavam nesta vida nem na outra.

Saiu de casa sem saber por onde nem para onde, triste, sem poder suster as lágrimas que lhe saltavam dos olhos contra sua vontade. Nenhuma idéia lhe cabia no cérebro que não se referisse a Mariquinhas.

Afinal chegou a falar com a sua tão amada e disse-lhe: “aqui estou”. Pediu-lhe um abraço, que ela não lhe negou.

Nesse abraço foi-lhe a vida. Foi tão forte a comoção de Zèzinho que o seu coração deixou de bater. Zèzinho caiu para o lado... estava morto... Morreu nos braços daquela a quem havia prometido a sua vida... morreu cumprindo a promessa feita a quem não cumpriu a sua. Quase sempre acontece assim!

O espanto, a desolação, a tristeza de Mariquinhas ao ver morto aos seus pés aquêle a quem sempre amara não se podem descrever. Chamou a criada:

— Vês aqui Zèzinho morto? Que vamos fazer agora? Dá-me um parecer, porque eu tenho a minha cabeça perdida.

— É muito simples, primeiro é tirá-lo daqui, suceda o que suceder.

Como já era muito tarde, as duas pegaram no cadáver a pulso e rapidamente foram colocá-lo na calçada à porta do sapateiro.

Quando no outro dia muito cedo o sapateiro abriu a porta, deparou-se-lhe aquêle espetáculo.

Quem tinha trabalhado dez anos para arranjar uma fortuna viera, no seu pensar, morrer ao desamparo no meio da rua! Que tristeza do des-

tino! As alegrias da véspera bem depressa se volveram em tristeza e dor.

Meteram o cadáver para dentro de casa e notaram que tinha a mão direita fechada tão fortemente que não havia meio de abrir.

Chamaram doutores e com o maior espanto não houve meio de lhe abrir a mão. Que queria dizer aquela mão assim?

A velha, a pedido do sapateiro, dirigiu-se cautelosamente à casa do milionário, chamou de parte a Mariquinhas e pediu humildemente que fôsse abrir a mão de Zèzinho.

Mariquinhas não pôs dificuldades. Chamou o milionário e, seguida de toda a tropa de convidados, pois ainda durava a festa, foram com Mariquinhas à frente da casa do sapateiro. Então Mariquinhas, com ar firme e decidido, falou:

— De que me vale a mim viver, se Zèzinho está sem vida? Morreu de amor o pobre, porque assim o quis meu pai. Zèzinho, abre esta mão. Já que por mim se acabou essa vida que podia ser tão feliz comigo, eu quero também morrer por ti.

Disse e, caindo ao pé do seu amado, ficou morta junto d'ele.

Tôda a gente percebeu que a vida de Mariquinhas estava segura na palma da mão do seu amado. E este mudou de semblante, tomando um ar alegre.

O pai e a mãe de Mariquinhas caíram pela escada abaixo, mas não morreram, infelizmente.

Os dois infelizes namorados enterraram-se juntos. E assim acabou aquela história de amor.

Disse depois o pai de Zèzinho:

— A fortuna é de quem a tem. Por que o meu filho morreu, havia de eu morrer? Ficarei rico, milionário; há males que vêm para bem.

Aquêlê tipo com quem Mariquinhas foi obrigada a casar, enforcou-se. O seu corpo foi encontrado no mato pendurado numa corda.

— FIM —

COMPOS E IMPRIMIU MANOEL FERNANDES - "Linotipo" Rua General Pedra, 339 - A e B Telef. 43-3356 - RIO DE JANEIRO

RCA . RC 18 — MANUAL DE VALVULAS DE RECEPÇÃO — Tradução de Renato Andrade — Devidamente autorizada pela RCA Vitor Rádio S. A. — 1 volume com 568 páginas (ilustrado)	350,00
Emilio Aquiles Monteverde Manual Enciclopédico	350,00

NOVIDADES

SONATAS (Memórias do Marquês de Brandomin: Ramón Del Valle Inclan	130,00
A MARAVILHOSA VIAGEM de Niss Holgersson Selma Lagerlof	120,00

OBRAS DE PÉRICLES MIGAILIDES

O FILHO DO MAR ou um estranho caso de dupla personalidade	40,00
As Extraordinárias Aventuras de Peter na África Louis Lucien Helen	40,00
Idade do Homem	80,00

A L M A N A Q U E S

Almanaque S. Antonio	
" do Pôrto	
" do Século	
" do Diário de Notícias	

A U T O M O B I L I S M O

OBRAS DE HONORINO CARNEIRO DE QUEIROZ

Engulços de Automóvel	
Exame de Ruas	
Motorista por Perguntas e Respostas	

PEÇAM CATALOGOS



LIVRARIA H. ANTUNES LTDA.
Av. Marechal Floriano, 39
Rio de Janeiro

COLEÇÃO POPULAR

Altamiro Requião

Visões fidalgas e plebeias

Mario Sete

Vigia da Casa Grande

João Grave

Paixão e Morte do Infante

Coelho Neto

Esfinge

Água de Juventa

Bico de Pena

—oOo—

Aprenda seis línguas sem mestre

Orador Popular

Correspondência Familiar

Manual Prático de Correspondência Comercial e
Oficial

Espuma Flutuante

Palavras cínicas

O Filho do Mar

Cartas de Amor

Dicionários das Flores e Frutos

Jão de Calais

Pedro Sem

Contos de Natal

Lusitânia

Alzira a Morta Virgem

Secretário Completo dos Amantes

Livro de Ouro dos Namorados

Vida Aventurosa e Morte de Lampeão e Maria Bonita

Iracema

Escrava Isaura

Fotografia Prática ao Alcance de Todos

A Doceira Nacional

A Cosinheira das Cosinheiras

As Mil e Uma Noites

Livro Completo dos Sonhos.